

04.202

A.A. cong. ✓

SP
5488



IAS JORNADAS AMAZÔNICAS
UnB-CDS, 3-14 de junho de 2002

Seminário do META
Monitoramento Estratégico das
Transformações Ambientais
3-4 de junho de 2002 ✓

Palestras
Versão Preliminar

Jornadas Amazônicas

UnB-CDS, Brasília-DF, 3-14 de junho de 2002

Seminário do Projeto META

Monitoramento Estratégico das Transformações Ambientais
3-4 de junho de 2002

Seminário do Projeto PPG-7

Uso da terra, dinâmica da paisagem e construção regional da Amazônia
5 de junho de 2002

Formação SIED

Modelagem das dinâmicas de construção regional nas frentes pioneiras da Amazônia
6 - 7 de junho de 2002

Pesquisa de Campo

Realização de Pesquisa de Campo com visita, de uma fazenda do Pará. Durante esta etapa serão aplicadas as metodologias aprendidas durante o curso teórico.
8 a 14 de junho

JORNADAS AMAZÔNICAS

1^{as} Jornadas Amazônicas

PALESTRAS

03/06/2002

04/06/2002

05/06/2002

06/06/2002



Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Amazônia Oriental
Ministério da Agricultura e do Abastecimento



Brasília, D.F. - Brasil, 3-14

Nosso Objetivo

As 1as Jornadas Amazônicas têm como objetivo principal a apresentação de palestras-debates e pesquisa de campo que tenham como foco as transformações ambientais do bioma amazônico ocorridas nas últimas décadas, suas causas e tendências. Desta forma, buscamos a reflexão conjunta e interdisciplinar que tanto o intercâmbio de experiências, pesquisas e estudos, como o contato institucional. Aspiramos promover um debate cujo fio condutor seja as análises e discussões sobre os grandes eixos de intervenção pública na região.

Contaremos com a participação de aproximadamente trinta instituições e sete cientistas de reconhecida trajetória, tanto da Bacia Amazônica como da América Latina e da Europa, que vêm trabalhando com a problemática da região. Também, serão convidados representantes do poder público, instituições de pesquisa e organizações da sociedade civil, interessados na temática.

As 1as Jornadas Amazônicas promoverão os seguintes eventos:

- **Seminário do Programa META - Monitoramento Estratégico das Transformações Ambientais na Amazônia** do Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília (CDS-UnB), durante os dias 3 e 4 de junho.
- **Workshop Uso da terra, dinâmica da paisagem e monitoramento da construção regional na Amazônia**, de encerramento do projeto PPG-7 resultado do convênio Embrapa/UFPA/Cirad, 5 de junho.
- **Curso teórico - de curta duração - sobre Modelagem das dinâmicas de construção regional nas frentes pioneiras da Amazônia**, que prevê formação e capacitação, em nível de Pós-Graduação, de alunos de instituições parceiras. O curso acontecerá os dias 5 e 6 de junho em Brasília e 8 e 9 de junho em Redenção, sul do Pará.

Simultaneamente acontecerá o 1º Seminário de Legislação, Meio Ambiente e Desenvolvimento do Sudeste Paraense, Redenção-PA, 10-12 de junho.

Local:

Centro Cultural de Brasília
L2 Norte Quadra 601 B
Tel (061- 4260400
fax: 061- 4260411
e-mail: ccb.acolhida@terra.com.br

APRESENTAÇÃO | INSCRIÇÕES |

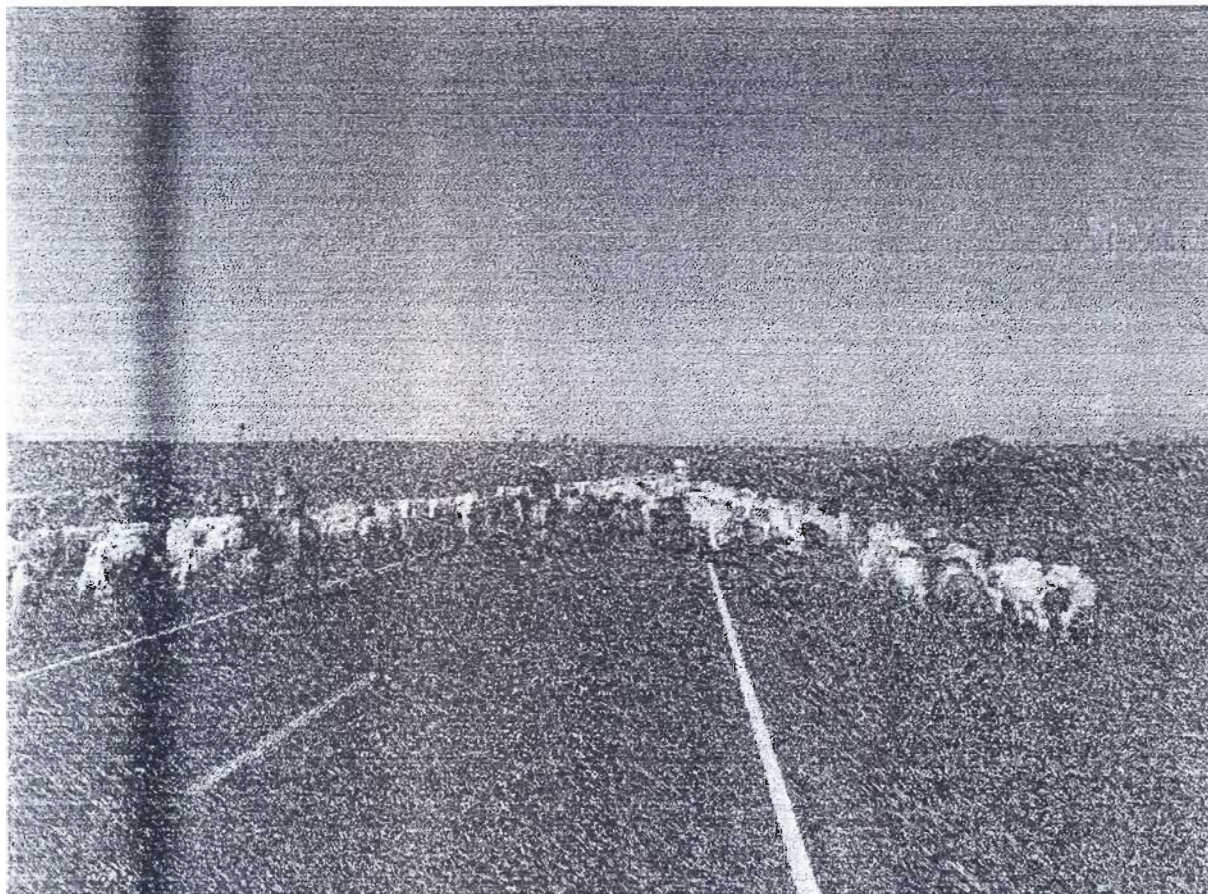
PÁGINA INICIAL | SOBRE O CDS | PÓS-GRADUAÇÃO | QUARTAS SUSTENTÁVEIS |
PRODUÇÃO ACADÊMICA E CIENTÍFICA | ADMISSÃO | CURSOS E EVENTOS | DESTA

CADASTRE-SE | ENTRE EM CONTATO | PRODUZIDO POR MENS INFODESIGN

No 36 158 m Ten SP 5488

Porque a pecuária está avançando na Amazônia Oriental?

Jonas Bastos da Veiga, agrônomo - Jean François Tourrand, veterinário
Ailce Margarida Alves, socióloga - René Pocard-Chapuis, geógrafo
Marie Gabrielle Piketty, economista - Marcelo Cordeiro Thales, geógrafo
Nathalie Hostiou, agrônomo - Adriano Venturieri, geógrafo



Resumo

A pecuária bovina é considerada como um dos principais motores do desmatamento na Amazônia. Baseado numa pesquisa desenvolvida em três frentes pioneiras do Estado do Pará, os autores tentam caracterizar as razões da expansão da pecuária bovina na Amazônia Oriental brasileira analisando os fatores e combinações de fatores levantados em entrevistas interdisciplinares de informantes-chave de diversos tipos de atores identificados. Fatores de alta relevância valem para todos os tipos de atores, como por exemplo o retorno seguro dos produtos da pecuária, o contexto geral favorável a pecuária e a eficiência do sistema *braquiário*. Outros fatores são específicos de um ou outro tipo de atores e determinam as diversas estratégias escolhidas, tanto na grande produção como na agricultura familiar.

Introdução

Desde o início da colonização da Amazônia no anos 60, nota-se um desenvolvimento das atividades pecuárias na frentes pioneiras brasileiras. Os numerosos subsídios e vários incentivos do governo da primeira década da colonização tinham um papel fundamental na instalação das fazendas e na implantação da pastagem. O processo perdura até hoje através dos bancos públicos. No entanto, apesar de ser importantíssimos, os diversos apoios institucionais aos fazendeiros não podem explicar sozinhos o tamanho do processo. Assim, um dos objetivos do projeto de pesquisa *Cattle Ranching, Land Use and Deforestation in Brazil, Peru and Ecuador*¹ é levantar os fatores explicativos do avanço da pecuária ao longo do *Arco de Desmatamento* da Amazônia. Baseado na pesquisa realizada na Amazônia paraense, esse trabalho tenta caracterizar os fatores e as combinações de fatores que levam a expansão da pecuária de corte e de leite na Amazônia Oriental através uma análise comparativa em três regiões contrastantes: o Sul do Pará, a Transamazônica e a Zona Bragantina. A equipe de pesquisa está constituída de 7 pesquisadores e professores com experiência relevante na Amazônia Oriental e de áreas científicas complementares para privilegiar a abordagem interdisciplinar da análise. A equipe aplicou a metodologia de coleta de dados e informação elaborada no contexto do projeto IAI já citado. Essa metodologia está baseada em entrevistas de informantes-chaves dos diversos grupos de atores envolvidos tanto nas cadeias bovinas como nos outros setores da vida econômica das regiões estudadas. O entendimento das estratégias dos diversos atores a respeito da pecuária está completado por um levantamento de dados quantitativos da região e uma ampla revisão da literatura facilitada pelo conhecimento regional da equipe de pesquisa. O trabalho de campo foi desenvolvido em julho e agosto de 2000.

Problemática

Desde o século XVI, a pecuária bovina sempre foi uma ferramenta-chave da colonização do novo continente, especialmente no Brasil e no outros países do Mercosul (Desfontaines, 1953). Assim logicamente, no final dos anos 60, a pecuária foi uma atividade privilegiada do governo brasileiro para colonizar a Amazônia, último espaço

¹ Projeto desenvolvido no contexto do Inter American Institute (IAI) com um financiamento da National Science Foundation (NSF) e participação da Universidade da Florida pelos EUA. Embrapa, UFPA, Pesacre e UFMA pelo Brasil. UNAS pelo Peru. INIAP pelo Ecuador e McGill University pelo Canadá.

relativamente virgem no norte do país: *a colonização pela pata do boi* segundo Santiago (1972). As agências públicas, a Sudam e o Basa, recém criadas, foram os dois instrumentos do governo brasileiro para desenvolver atividades agropecuárias na Amazônia, através de incentivos fiscais, subsídios e financiamentos de projetos agropecuários (Ianni, 1978). O resultado foi a transformação de imensas áreas de floresta primária em pastagem para criar gado de corte. Paralelamente às grandes fazendas, pequenos migrantes desenvolvem sistemas de produção diversificados transformando as áreas de fronteira em novas regiões agrícolas.

Se a pecuária sempre foi uma atividade relevante das fazendas do início da colonização até o fim do século vinte, o desenvolvimento da pecuária na agricultura familiar é mais recente. Ele começou no fim dos anos 80. Diversas pesquisas, nas quais os diagnósticos da situação agrária em diversas regiões da Amazônia Oriental brasileira realizados em meados da década de 90 pelo convênio Embrapa-UFPA-Cirad, mostram a importância atual da pecuária na dinâmica regional, tanto no avanço das fronteiras agrícolas como no processo de construção regional (Veiga *et al*, 2001).

Nesse contexto, o objetivo desse trabalho é caracterizar os fatores e as combinações de fatores que favorecem a expansão da pecuária ao fim de fornecer indicadores fiáveis para elaboração de políticas agrícolas apropriadas.

Bases metodológicas

A informação foi recolhida em conversa aberta com os denominados informantes-chave. O informante-chave, para um determinado grupo de atores, é uma pessoa que tem conhecimento profundo sobre esse grupo ou um subgrupo, fazendo parte ou não desse grupo. O conhecimento do grupo lhe permite entender e explicar para os objetivos e as estratégias dos atores do grupo ou, pelo menos, fornecer elementos explicativos, a respeito da expansão da pecuária.

Os diagnósticos de situação agrária realizados na década de 90, mostram uma diversidade agro-ecológica e socio-econômica entre as grandes regiões da Amazônia Oriental. Considerando que esses fatores agro-ecológicos e socio-econômicos devem ter influência sobre a dinâmica da atividade pecuária nas áreas colonizadas, escolhemos três sub-regiões representativas em três regiões contrastantes: a zona Bragantina para a região

do Nordeste paraense, o extremo sul do Pará para a região do Sul do Pará e o município de Uruará na região da rodovia Transamazônica (cf. Mapa 1). Além do aspecto contrastante, é importante enfatizar que nas três sub-regiões identificadas, contamos, antes de iniciar a pesquisa, de bancos de dados atualizados e geralmente um bom relacionamento com os atores do meio rural, especialmente aqueles envolvidos nas cadeias produtivas bovinas.

Para sintetizar os contextos específicos das três regiões escolhidas, podemos dizer que a zona Bragantina é uma antiga frente pioneira colonizada desde o início do século 20, hoje totalmente orientada ao mercado consumidor de Belém. A pecuária é uma oportunidade apenas em pequena escala, principalmente para produção leiteira ou integração em sistemas familiares diversificados, uma vez que (i) a situação fundiária relativamente bloqueada tem malhas finas, (ii) a proximidade do mercado de Belém, a presença de agro-indústrias e infra-estruturas, a densidade de população e as tradições nordestinas favorecem mais as produções vegetais, apesar da presença de frigoríficos (Ludovino, 2002). O Sul do Pará é uma frente recente, colonizada desde o fim dos anos sessentas, hoje organizada pela pecuária, de corte pelas fazendas e de leite pela agricultura familiar e onde a luta pela terra é sempre uma especificidade relevante (Ianni, 1978; Schmink & Wood, 1992; Treccani, 2001). A região da Transamazônica é também uma frente recente colonizada basicamente pela agricultura familiar que desenvolve sistemas de produção diversificados em ambiente mais isolado dos mercados (Ferreira, 2001).

Seis grupos críticos de atores foram identificados: os pequenos produtores, os fazendeiros, os comerciantes, o setor da agro-industrial (matadouros, laticínios e outros), o sistema associativo e as instituições. A diferença entre fazendeiros e comerciantes foi, algumas vezes, difícil de se fazer no início da entrevista, uma vez que alguns informantes têm as duas atividades. O mesmo problema foi encontrado entre o sistema associativo e as instituições, alguns informantes fazem parte dos dois grupos críticos. A situação foi geralmente mais clara ao fim da conversa, o entrevistado tendo adotado uma posição em um ou outro grupo crítico de atores.

O primeiro passo foi identificar alguns informantes-chave, os mais característicos possíveis, para cada grupo crítico, em cada um das três regiões. Depois, ao final da entrevista, uma vez que o entrevistado entendeu bem o objetivo da pesquisa e a informação requerida, solicitamos que ele indicasse outras pessoas que poderiam ser novos

informantes-chave para o seu grupo crítico ou para outros. Aproximadamente 75 informantes-chave foram entrevistados, consideramos 2 entrevistas não válidas. Logo depois cada entrevista, a equipe pluridisciplinar redigiu o relatório da entrevista, o diário, tentando caracterizar as opiniões e idéias do informante-chave a respeito dos fatores e combinações de fatores do avanço da pecuária, tanto nas propriedades do grupo crítico referido como nos outros grupos e na região. A simples análise das frequências dos fatores e combinações de fatores citados pelos informantes-chave dá uma primeira idéia das razões da expansão da pecuária nas propriedades e ao nível regional.

Razões da expansão da pecuária

A pecuária dá um retorno seguro apesar de ser pequeno

Para 95% dos entrevistados, o retorno seguro, apesar de ser pequeno, é um dos principais vantagens da pecuária e justifica que os produtores, grandes e pequenos, a escolham como primeira fonte de poupança. Os grandes produtores mencionam também a sua liquidez. Segundo os informantes, o retorno seguro seria diretamente relacionado com a existência de mercado para os produtos da pecuária, carne e leite. Isso confirma a idéia que em qualquer lugar da fronteira e a qualquer hora, um produtor pode vender um bovino ao preço relacionado ao preço da bolsa em São Paulo. Essa vantagem dos produtos da pecuária deve ser relacionada com o fraco retorno dos produtos agrícolas que leva os produtores, grandes e pequenos, a optarem pela pecuária, especialmente pela fraqueza de mercado dos produtos da agricultura na última década, tanto as culturas anuais como as culturas perenes.

Para enfatizar melhor a relevância desse fator econômico, pode-se mencionar a reação de um líder dos fazendeiros do Sul do Pará que achou totalmente impensável a queda do preço do boi, como acontece com o preço das culturas. E no caso improvável de isso acontecer, ele pensa que 90% do potencial produtivo da região iriam embora da região, em pouco tempo.

No caso da produção leiteira, quase todos informantes consideram a renda do leite altamente relevante para a agricultura familiar. Estudos complementares mostram que a renda anual da produção leiteira é quase equivalente da renda da venda do bezerro, em torno de R\$150-200/lactação, ou seja dobra a renda total da pecuária (Veiga et al., 2000).

Além disso, a renda do leite é diária, semanal ou mensal, seja cobre a despesa da família do dia-dia, reforçando assim, o repartimento da renda da pecuária na agricultura familiar: renda da produção leiteira para a despesa, renda da produção de bezeros para a poupança.

O contexto geral favorável à pecuária

O contexto geral da região, tanto do ponto de vista agroecológico como socioeconômico, é considerado como uma grande vantagem comparativa da Amazônia sobre as outras regiões do Brasil, para aproximadamente 85% dos informantes-chave, quase todos da grande produção e 80% da agricultura familiar. Eles mencionam especialmente a quantidade de chuva e a menor importância da seca mantendo uma boa pastagem no ano inteiro, a razoável adaptação do gado zebu e mestiço e, também, a disponibilidade e o relativo baixo preço da terra. A respeito da tecnologia, a grande produção tem acesso à tecnologia que chega nas propriedades através de diversas redes de comunicações (técnicos, revistas, TV, feiras agropecuárias, formação e treinamento, etc). Verificamos que as fazendas mais avançadas usam tecnologias de ponta. Algumas têm sistema informático de administração da fazenda e manejo de gado, mantendo através da internet contato permanente com empresas de assistência técnica e centros de pesquisa. Um informante, comparando a sua situação no Sul do Pará com o Sudeste ou o Sul do Brasil onde os seus colegas ficaram, considera que, hoje, os sistemas atuais de comunicação permitem eliminar, em grande parte, o inconveniente da distância dos grandes centros de decisão e de comércio daquelas regiões. Vale ressaltar também que a renda gerada por essas empresas agropecuárias autoriza viagens frequentes para região de origem do dono, fortalecendo os mecanismos de transferências geográfica das tecnologias. Algum tempo atrás, essa distância não compensou a vantagem comparativa de ficar no trópico úmido aproveitando as boas condições agroecológicas.

A eficiência do sistema braquiário

Em torno de 80% dos informantes consideram que um dos principais fatores da expansão da pecuária é a eficiência e a adaptação do sistema forrageiro baseado na *Brachiaria brizantha*, chamado braquiário. Segundo eles, aquele sistema apresenta as três vantagens seguintes: manter o gado, competir com a juquirá (plantas invasoras de

pastagem) e resistir à seca. Assim, o braquiarião representa mais de 95% da semente de forrageiras vendida nas lojas agropecuárias, e algumas vezes a única. Para as terras mais úmidas, há alguns produtores que preferem *Brachiaria humidicola*, o quicuío-da-Amazônia, uma outra espécie do mesmo gênero. O quicuío foi importante no início da colonização. No entanto, sensível à cigarrinha, *Deois incompleta*, ele cedeu o primeiro lugar ao braquiarião. A braquiariinha (*Brachiaria decumbens*), uma outra espécie do mesmo gênero foi descartada pelos produtores da região porque é extremamente sensível à cigarrinha. Há também algumas outras espécies *Brachiaria* especificamente para as áreas alagadas (como *Brachiaria mutica* e *B. radicans*). O colônião, *Panicum maximum* foi um outro capim importante no início da colonização, sendo hoje pouco utilizado por causa da sua exigência em manejo. Porém, atualmente, algumas variedades dessa espécie tem se mostrado promissoras para sistemas mais intensivos (tobiatã, tanzânia e mombaça).

A outra base do sistema braquiarião é a eficiência do plantio por semente diretamente na primeira roça depois da derrubada e da queimada. Após a colheita da roça, o capim bem plantado fecha o solo e impede o crescimento da rebrota da mata e das invasoras. Entre oito e dez semanas depois, o gado já pode entrar no piquete para pisotear um pouco a nova pastagem, favorecendo a rebrota do capim e assim uma melhor cobertura do solo. Alguns meses depois, a pastagem está bem implantada. Ela apresenta uma grande flexibilidade de manejo, uma vez que só precisa ser evitado o superpastejo. Nos primeiros anos, a carga média sem risco está em torno de 1,2 cabeça por hectare, ou seja um sistema relativamente extensivo mas bastante seguro, a experiência mostrando que após 12-15 anos não apresenta traços de degradação. Uma outra particularidade do sistema braquiarião é a menor exigência do fogo para limpar a pastagem. Alguns produtores não usam mais fogo, ou só o usam a cada 4-5 anos para ajudar na limpeza.

O sistema braquiarião é também bastante usado também para recuperação das áreas degradadas, especialmente as pastagens antigas de colônião e quicuío-da-amazônia. A preparação do solo pode ser mecanizada, caso freqüente nas grandes fazendas. Um pouco de adubo, especialmente fósforo, ajuda na implantação da nova pastagem.

Verificamos ao longo da pesquisa a importância da fase de implantação do sistema braquiarião. Os pequenos e os grandes produtores que não conseguem ter uma boa pastagem cometeram geralmente algum erro sério na fase de implantação, como uso de semente de

baixa qualidade ou baixa densidade de semente. Quase todos os informantes que não mencionaram a eficiência do sistema braquiário, passaram pelo processo de degradação da pastagem, por causa de deficiência na fase de implantação. Quando não é o caso, verifiquemos que a falha vem duma supercarga na pastagem acompanhada de um tempo de descanso insuficiente.

Apesar da grande vantagem do braquiário, considerado por alguns produtores como o salvador da pecuária, especialmente no Sul do Pará, estamos cada vez mais preocupados com a monocultura dessa forrageira que pode redundar em fracasso geral, se um problema específico surgir.

Ao lado do sistema braquiário extensivo que ocupa mais de 90% das áreas abertas em produção, encontram-se alguns sistemas mais intensivos valorizando os últimos avanços da pesquisa em manejo da pastagem. Esses novos sistemas são baseados na rotação rápida de pastagem com carga pesada em tempo curto, reposição de nutrientes do solo, uso de cercas elétricas e, eventualmente, suplementação alimentar, etc. Através desses sistemas, os produtores, unicamente fazendeiros, tentam aumentar a produtividade por hectare de pastagem, alguns contando com financiamento público do BASA por exemplo.

A tradição e a experiência agropecuária do produtor

A tradição e a experiência agropecuária foram citadas por quase 80% dos informantes-chave. Lembra-se que a tradição pecuária significa que a família do produtor tem uma certa experiência na criação de bovinos, não apenas o domínio de práticas agropecuárias mas também a valorização de um certo modelo de valores culturais e sociais. Se diferencia do "mito do fazendeiro" pelo fato que a tradição é simplesmente reproduzir um modelo e um saber-fazer, geralmente familiar, enquanto que o mito visa um posicionamento na sociedade e um amplo sucesso econômico, independentemente dos antecedentes familiares. É a crença que o gado pode quebrar o ciclo da pobreza. Consideramos que o produtor, mesmo se ele não tem nenhuma experiência na pecuária, pode contar com o apoio da família para ajudar nessa atividade. Entende-se por experiência, um conjunto de práticas e valores na pecuária que pode ser adquirida na família dele como forma de herança, geralmente o caso de famílias de fazendeiros grandes e pequenos, e/ou através da formação recebida, no caso dos técnicos em agronomia,

zootecnia ou medicina veterinária. Essa experiência pode também ser adquirida através dum emprego numa fazenda, por exemplo como vaqueiro durante alguns anos, no caso de alguns pequenos produtores antes de ter um lote. De um lado, a tradição e a experiência na pecuária são consideradas como relevantes para os informantes da grande produção. Todos os fazendeiros entrevistando vêm de família com forte tradição pecuária ou agropecuária. Alguns estudaram agronomia, zootecnia ou veterinária. A maioria incentivam os filhos para essas áreas. De outro lado, a falta de tradição e de experiência na pecuária é considerada como um fator relevante para não entrar na pecuária segundo os pequenos produtores que não têm gado ou para os informantes deles, e também para as instituições financeiras. O resultado é o mesmo, ou seja os informantes dos produtores, grandes e pequenos, concordam em evidenciar a relevância da tradição e da experiência. Ao contrário, a grande maioria dos informantes institucionais, exceto dos bancos, e da sociedade civil não consideram esses fatores como relevantes, possivelmente pensando que a experiência pode ser adquirida facilmente na escala de uma geração. É interessante mencionar essas opiniões contraditórias entre informantes do setor produtivo de um lado e do setor de apoio de outro lado.

(Os financiamentos públicos)

A questão dos financiamentos públicos é um assunto bastante controverso na Amazônia, em parte por causa dos incentivos e subsídios distribuídos no início da colonização agrícola e que tiveram alguns impactos sócio-ambientais negativos. Assim, estamos tratando aqui dos financiamentos atuais. Segundo os informantes da grande produção, o financiamento seria um fator relevante para o sistema de fazenda. Efetivamente, constata-se que uma grande parte dos fazendeiros têm atualmente financiamentos públicos. Quase todos confirmam a necessidade de ter esses financiamentos para ampliar as suas atividades. Inclusive muitos apontam que uma das vantagens da pecuária é que ela facilita o acesso ao crédito bancária, fornecendo garantias para o banco. Do lado do setor financeiro oficial, os informantes mencionam o objetivo das agências públicas de financiar o setor produtivo para desenvolver a região, especialmente a grande produção, e mencionam o interesse deles de privilegiar o setor da pecuária que dá lucro para os produtores, e assim para os bancos, com risco mínimo para ambos. No Sul do Pará

e em Paragominas, os financiamentos atuais para a grande produção são basicamente para ampliar a atividade pecuária através a recuperação de áreas degradadas de pastagem e a implantação de sistema de manejo de pastagem mais intensivo, baseado em rotação e adubação de pastagem. Uma hipótese, que não pode ser verificada no quadro dessa pesquisa, é que o grande produtor contrata um crédito para um funcionamento da sua fazenda, e aplica seus recursos próprios (oriundos da fazenda ou de outra renda) em atividades não financiadas, como a compra de terras novas mais na ponta da frente pioneira. Seria um efeito indireto mas negativo do sistema de crédito para atividades pecuárias, que contribuiria ao desmatamento. Fora da pecuária, nota-se alguns financiamentos para a implantação de sistemas agroflorestais e para cultura mecanizada de grãos (arroz, milho e soja).

Na Transamazônica, podemos considerar que o financiamento FNO do Basa foi o fator chave da opção pela e do desenvolvimento da pecuária na agricultura familiar, na primeira parte dos anos 90. Em Uruará, segundo todos os informantes, o único jeito para os pequenos produtores de tirar um financiamento FNO foi apresentar um projeto de pecuária leiteira, uma vez que a proposta inicial de projeto em consorcio *Poupounha – Côco* não deu certo, mostrando grande falha na parte da comercialização dos produtos. Em seguida, a assistência técnica à favoreceu bastante o processo, solicitando aos pequenos produtores para apresentar projetos de pecuária. Entretanto, se a longo prazo e após multiplas reivindicações o FNO foi positivo para os pequenos produtores, sabemos que ele enriqueceu principalmente os marchantes, que trouxeram rebanhos de outras regiões e negociaram com o banco condições favoráveis de venda aos produtores (impossibilidade de escolher o gado, pagamento direto Banco-marchante). Em Redenção, poucos informantes falam do financiamento FNO, e sobretudo poucos produtores obtiveram um projeto FNO. Na verdade, é necessário ter o título da propriedade para aspirar a um financiamento FNO e, em Redenção, a maioria dos pequenos produtores não tem título do lote que geralmente foi invadido, ou seja ocupado ilegalmente.

Voltando à relação entre financiamento público e produção leiteira na agricultura familiar, chegamos uma situação aparentemente contraditória. Em Redenção, onde quase não havia projetos leiteiros financiados pelo FNO, nota-se um real desenvolvimento da produção leiteira e a renda do leite sustenta a agricultura familiar. Em Uruará, onde havia

muitos projetos leiteiros financiados pelo FNO, o desenvolvimento da produção leiteira parece bloqueado. Na verdade, analisando o que aconteceu nos outros municípios do Sul do Pará e da Transamazônica, deve-se considerar Uruará como uma exceção, principalmente pela falta de implantação de um laticínio por diversas razões. Na maioria dos outros municípios, assiste-se ao desenvolvimento da produção leiteira com implantação de laticínios, em grande parte financiados pelo Basa. Esses laticínios estão coletando o leite produzido pela agricultura familiar, comercializando uma parte localmente, transformando a outra parte em queijos e produtos derivados que são comercializados localmente ou fora da região. Assim, deve-se considerar a contribuição do financiamento público no desenvolvimento da produção leiteira em área de fronteira, mais significativa através do financiamento de laticínios do que através o financiamento de sistemas de produção leiteiros. De fato, quando existe um laticínio, a agricultura familiar parece ser estimulada a produzir leite e sem laticínio isso não ocorre. Em outras palavras, a atuação do crédito para estimular a produção de leite não pode se limitar a constituir os rebanhos, mas também a organizar a cadeia produtiva (beneficiamento, transporte).

Nós vimos que os incentivos foram no passado uma ferramenta que ultrapassava as políticas setoriais. Os incentivos à pecuária não tinham por objetivo o aumento da produção bovina e sim a integração da Amazônia. As formas atuais de incentivos não seguem este mesmo conceito, e são solicitadas principalmente no setor industrial, o que não deixa de constituir um apoio forte à dinâmica da pecuária na região (abertura de novos frigoríficos, laticínios e cortumes).

Para concluir esse assunto, constata-se que a viabilidade da pecuária na Amazonia é estreitamente ligada à captação de recursos federais. Entretanto, este argumento deve ser contra-balançado, uma vez que no caso dos pequenos produtores não é a viabilidade de pecuária que depende dos recursos federais e sim a viabilidade da agricultura familiar, a pecuária aparecendo como uma solução no contexto de colapso das produções vegetais.

Os outros fatores do avanço da pecuária

Foram identificados uma base de 12-15 outros fatores considerados como relevantes para uma percentagem menor dos informantes.

O desejo de ser fazendeiro (36%) vale principalmente para os pequenos produtores que já entraram na pecuária, os comerciantes e os pequenos fazendeiros. Esse fator é citado para o setor de apoio à agricultura familiar. Poucas vezes ele é citado claramente pelos produtores, mas ele ressalta de maneira relativamente explícita na análise das entrevistas. *A pecuária que dá uma posição social* (40%), apresenta uma distribuição parecida, apesar do fato de se observar um pouco mais entre os fazendeiros e, em contrapartida, um pouco menor na agricultura familiar. *A influência do grupo familiar* (44%) é bastante presente no grupo dos fazendeiros como já mencionado: a família está geralmente sempre presente nas decisões relacionadas à pecuária. Em contrapartida, o fazendeiro pode contar com a ajuda do grupo familiar quando necessária. A influência do grupo familiar está também presente na agricultura familiar e funciona do mesmo jeito do que no sistema de fazenda, mas numa escala menor.

Pensamos, no início da pesquisa, que a *pouca exigência de mão-de-obra*, em quantidade e em qualidade, pela pecuária de corte seria mais citada (25%). Além disso, quando é citado, não é considerado de primeira relevância. Ao contrário, parece relevante a *flexibilidade da atividade pecuária* (33%), como o fato de não requer uma atenção permanente, de modo que pequenas deficiências técnicas ou climáticas não proporcionam perdas irreparáveis, podendo ser absorvidas com o tempo. Por exemplo, é o caso do empresário ou do comerciante que investe na pecuária, mas que não dispõe de tempo para gerir a propriedade. Assim, ele lança mão de um gerente para administrar a fazenda e desenvolver as estratégias que ele determina em função dos seus objetivos. É o caso também, do pequeno produtor, obrigado a mudar para a cidade por problemas de saúde ou de necessidade de educação dos filhos, e que continua a administrar diretamente a propriedade, dispondo da presença permanente de um morador no lote que executa as atividades básicas. Essa atitude é mais difícil com a agricultura. No Sul do Pará, a *flexibilidade da pecuária* permite ao cidadão da sede do município, no caso de Redenção, aproveitar as invasões de fazendas através do seguinte procedimento: ele se apossa de um lote de invasão, faz a roça, planta capim e negocia a permanência de um morador na propriedade para poder continuar a desenvolver as suas atividades urbanas e não perder a qualidade de vida. Quando surge uma oportunidade de vender o lote, ele a aproveita. Isso explica a alta rotatividade da posse dos lotes nas terras invadidas.

pecuária na propriedade, tanto na agricultura familiar como no sistema de fazenda. O potencial regional e o sistema técnico eficiente adaptado às condições locais são as duas outras pernas de cada boi na Amazônia. A última perna está constituída de diversos fatores de acordo com a região e o tipo de atores envolvidos. A boa renda do leite e os financiamentos FNO favorecem bastante o desenvolvimento da pecuária na agricultura familiar, respectivamente no Sul do Pará e na Transamazônica. Os financiamentos públicos e as estratégias fundiárias estão sempre presentes na grande produção. A falta de alternativas agrícolas incluindo a falta de assistência técnica parece ser um elemento importante do avanço da pecuária em qualquer região.

Literatura citada

- Desfontaines P. 1953. Marché et foires à bétail en Amérique Latine. *In. Cahiers des Sciences humaines*, Paris, France.
- Ferreira L.A. 2001. Le rôle de l'élevage bovin dans la viabilité agro-écologique et socio-économique des systèmes de production agricole familiaux à Uruará (Pará - Brésil). *Tese de doutorado*, Paris: INA P-G, France, 240p.
- Ianni O. 1978. A luta pela terra. *Ed. Vozes Ltda.* Petrópolis-RJ, Brasil, 243p.
- Ludovino R. 2002. Evolução e viabilidade dos sistemas de agricultura familiar na região Bragantina – Pará – Brasil. Tese de doutorado, Lisboa: ISA, Portugal, 284p.
- Santiago A.A., 1972. O Zebu na Índia, no Brasil e no mundo. *Inst. Camp. Ens. Agric.*, Campinas, Brasil, 744 p.
- Schmink M. & Wood C.H. 1992. Contested frontiers in Amazônia. Columbia University Press, New York, USA, 387p.
- Treccani G.D. 2001. Violência & Grilagem: Instrumentos de aquisição da propriedade da terra no Pará. Belém: UFPA, ITERPA, Brasil, 600p.
- Veiga J.B. & Tourrand J.F. 2000. Produção leiteira na Amazônia Oriental: situação atual e perspectivas. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, Brasil, 234p.
- Veiga J.B., Tourrand J.F., Pocard-Chapuis R. 2001. Caracterização e viabilidade dos sistemas agropecuários na Amazônia Oriental brasileira. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, Brasil (no prelo)

A pecuária, como *agente de concentração fundiária* (33%) vale principalmente para os fazendeiros ou pelo menos para as pequenas propriedades evoluindo para fazenda, através da compra de terra das propriedades vizinhas. No entanto, *o baixo preço da terra* (17%) foi citado exclusivamente na região do Sul do Pará. Isso deve ser relacionado à proximidade de Goiás, onde o preço da terra é três a cinco vezes mais alto, segundo os informantes, com o mercado da terra mais dinâmico nessa região, especialmente com as invasões e com o processo de concentração fundiária, igualmente mais ativo. O uso da pecuária para *garantir a posse da terra* (26%) está estreitamente ligado às invasões de grandes fazendas, especialmente no Sul do Pará. Todos os fazendeiros sabem que o risco de invasão é maior quando há disponibilidade de áreas de floresta, primária ou secundária, na fazenda. Assim, derrubar a mata e implantar pastagem nessas áreas é uma prevenção eficaz contra uma invasão, logo garantir a posse da se tornar um fator relevante para a grande produção.

A pecuária como *uma boa aplicação de recursos* (27%) oriundos de outras atividades foi mencionado principalmente pelos fazendeiros e pelo setor agro-industrial. Esse fator está diretamente relacionado com o retorno seguro e rápido, ou seja a liquidez da pecuária já citados. Através das entrevistas, pôde-se identificar alguns exemplos de atividades cujo lucro pode ser aplicado na pecuária: exploração de madeira, agroindústria (especialmente frigorífico), compra e venda de terra, diversos tipos de comércios e profissões liberais. Podemos interpretar que a maioria das atividades urbana é fontes potenciais para aplicação de lucros na pecuária, à qual elas dão fortes impulsos. Este fato tende a demonstrar uma certa deficiência da rede bancária, que normalmente preenche este papel de aplicação de recursos. Além disso, alguns informantes mencionam que a ausência de controle fiscal por parte das instituições favorece qualquer tipo de esquema financeiro, ou seja tanto para conseguir crédito bancário como para lavagem de dinheiro. Assim, a pecuária constitui um capital e gera uma renda ambos incontroláveis (ou incontrolados) do ponto de vista jurídico e fiscal, principalmente nas condições de isolamento da Amazônia.

Em conclusão, o mercado, que valoriza bem os produtos da pecuária, carne e leite, dando um bom retorno à atividade pecuária e permitindo ao rebanho ser uma boa poupança, deve ser considerado como o motivo principal da decisão de entrar e/ou desenvolver a

Mapa 1: A Amazônia paraense e as três regiões de estudo

